

## O SUPLEMENTÁRIO *FOLHETIM DA FOLHA DE S. PAULO*

*Marco Antonio Maschio Cardozo Chaga*<sup>1</sup>

Para iniciar esta apresentação, gostaria de comentar rapidamente uma preocupação interessante de Oscar Wilde, e uma outra de Walter Benjamin, que, apesar de separadas de nós por quase cem anos, parecem nos prevenir de forma arrevesada sobre um ponto de convergência: escrevem, possivelmente por razões diferentes da minha, sobre um certo movimento de decadência e, como não poderia ser diferente, de um movimento contrário. Espero ser possível, apreciável, e razoavelmente clara semelhante aproximação.

É evidente que há de produzir-se uma mudança antes que esse século acabe. Cansada da charlatanice fastidiosa e moralizadora dos que carecem de espírito hiperbólico e de talento imaginativo, cansada dessas pessoas inteligentes, cujas recordações se baseiam sempre na memória e cujas asseverações estão limitadas pelo verossímil e podem ser confirmadas suas palavras por qualquer filistino presente, a sociedade voltará mais tarde ou mais cedo ao seu líder perdido: ao fascinante e refinado mentiroso<sup>2</sup>.

No final do século XIX, Oscar Wilde procurava estabelecer algumas correspondências entre o que ele chamava de "Decadência da Mentira", neste caso referindo-se à arte, e o fenômeno da crença exagerada num certo realismo, que corrompia e destruía qualquer possibilidade da existência da Mentira, conseqüentemente da arte, como o escritor a compreendia.

Possivelmente, Wilde já vislumbrava algumas características da produção artística das vanguardas do início do século, e talvez ele tenha contribuído bastante para que estas vanguardas existissem. No mesmo sentido, também é provável que a ascensão das massas, e junto a elas a das cidades, correspondesse ao período inicial que marca uma certa ascensão da cultura, elaborada do mesmo material que Walter Benjamin chamou de barbárie, todavia um signo da modernidade.

Ainda segundo Benjamin, o bárbaro se diferenciava do erudito clássico, porque ao bárbaro era reservada a possibilidade de se instaurar diante de uma tradição qualquer, inaugurando-a, e não foram poucas as tradições. Convertidas, muitas vezes, em vanguardas quando se tratava de um movimento coletivo, surgiram desde o início do

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras.

<sup>2</sup> Oscar Wilde. A decadência da mentira. *Obras completas*. RJ: Aguilar, 1969, p. 1082.

século algumas formas de pensamento que podem ser associadas a uma certa pluralidade. Associado ao fenômeno dessas escolhas, um novo estatuto do leitor se desenhava e a autonomia era conquistada por esse sujeito que nascia moderno e decadente. Um exemplo desse tipo de leitura pode ser observado, do outro lado da obra, através do exercício empregado por Baudelaire ou Machado de Assis, que acabavam por abrir e autorizar um certo canal de comunicação com o seu receptor. É verdade que esse jogo se encontrava profundamente marcado pelo seu caráter irônico, que se converteria, mais tarde, numa das principais características da moderna arte de vanguarda. A conclusão desse jogo de intervenções que o leitor conquistava nas primeiras décadas do século XX, culminaram com a inserção de um bigode na *Monalisa*, por Marcel Duchamp. Assim, de maneira "grave", audaciosa e consciente, a autonomia do leitor havia sido levada a um extremo desconhecido até então.

Apesar deste início (talvez anacrônico) demonstrar preocupação com os desdobramentos da leitura neste século, não será possível ainda apresentar resultados que possibilitem uma clara compreensão, nem um posicionamento definido, sobre a leitura do *Folhetim da Folha de S. Paulo*, mesmo porque a leitura deste material se encontra em estágio de levantamento, coleta e seleção, sendo que a parcela mapeada não corresponde nem a dez por cento do material a ser analisado.

Uma alternativa, portanto, se configuraria na discussão de algumas hipóteses de leitura do contexto histórico que marcam o surgimento do *Folhetim* como um suplemento literário de ampla circulação no mercado jornalístico nacional. Sendo assim, com a finalidade de rastrear o contexto social que envolve o surgimento do *Folhetim da Folha de S. Paulo*, penso num pequeno exame e rápido passeio através de uma história do *folhetim*<sup>3</sup>, que não é o da *Folha*.

De acordo com Marlyse Meyer, autora de uma história do *folhetim*, a importância do *folhetim* pode ser atribuída, inicialmente, a uma função de *complemento* do jornal, devendo assim servir, entre outras coisas, como auxílio na venda de mais exemplares dos jornais. Entretanto, cabe ressaltar que este procedimento não seria duradouro, sendo tal idéia gradativamente deixada de lado ou necessariamente abandonada nas últimas décadas do século XIX e no início do século XX.

Marcando a abertura da década de oitenta, deste século, o surgimento do *Folhetim da Folha de S. Paulo*, agora não somente como um *suplemento* literário,

---

<sup>3</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. SP: Cia. das Letras, 1996.

guarda uma enorme distância daquele ideário oitocentista. O jornal, que até o início do século XX era impensado e incompleto sem o *Folhetim*, passou a descartá-lo e, aos poucos, transformou-o em suplemento: aquilo que sempre vem "a mais".

Justamente nesse sentido é que

Silviano Santiago nos fala que "o jornal criou semanalmente para o escritor e a literatura um lugar muito especial — o suplemento literário", e explica a lógica desse veículo: "complemento é parte de um todo, o todo está incompleto se falta o complemento. Suplemento é algo que se acrescenta ao todo. Portanto sem o suplemento o todo continua completo. Ele apenas ficou privado de algo mais. A literatura (contos, poemas, ensaio, crítica) passou a ser algo a mais que fortalece semanalmente os jornais, através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas, tentando motivar o leitor apressado dos dias de semana a preencher o lazer do weekend de maneira inteligente"<sup>4</sup>.

Os desdobramentos dessa leitura descompromissada e destinada ao deleite do leitor apressado parecem favorecer o surgimento de algumas dúvidas sobre um suposto direcionamento subjacente, que não resume amplamente nem transmite por completo o espírito presente em boa parte do projeto inicial do *Folhetim*.

Citando Borges, podemos rever a organização dessas idéias cravadas por um excessivo caráter suplementário:

Emerson disse que uma biblioteca é um laboratório mágico onde vivem muitos espíritos encantados. Eles despertam, quando chamados. Fechado, um livro é literal e geometricamente um volume, uma coisa entre outras. Quando um livro é aberto e se encontra com seu leitor, então ocorre o fato estético. Deve-se acrescentar que um mesmo livro muda em relação a um mesmo leitor, já que mudamos tanto. Voltando a minha citação predileta, somos o rio de Heráclito, para quem o homem de ontem não é o homem de hoje e o de hoje não será o de amanhã<sup>5</sup>.

Os *Folhetins* reunidos parecem favorecer a construção de uma biblioteca semovente, peculiar e estranha, porque, na maioria das vezes, esse material, com uma passagem rápida pelas feiras-livres e peixarias, tinha um endereço certo: ir direto para o lixo. Sem dúvidas, trata-se, provavelmente, de uma dimensão pouco estudada e reciclável da literatura, da informação e da cultura. Um outro aspecto que chama atenção neste caso, se refere ao alto nível de dificuldade de armazenamento desse material. Mantê-los vivos constitui uma tarefa complexa que envolve e faz parte da natureza do *Folhetim*: é jornal, é perecível. Ele amarela, desfaz-se dependendo do

---

<sup>4</sup> ABREU, Alzira Alves de. In: *A imprensa em transição*. RJ: FGV, 1996, p. 21.

<sup>5</sup> BORGES, Jorge Luis. *Sete noites*. SP: Max Limonad, 1983, p. 119.

estado de conservação, exige o escuro, de preferência sacos plásticos negros. Quando juntos — um ano, cerca de 56 exemplares, por exemplo — são indolentes, não possuindo uma forma fixa: semelhante ao tecido de uma narrativa infinita e auto-destrutiva, propícia a criar lacunas no interior de sua narrativa individualizada, o *Folhetim* parece querer se inscrever num outro lugar: no imaginário, no espaço ausente da folha que aos poucos vai se decompondo. Enfim, sua história parece se desdobrar para fora do nosso alcance.

De resto, por assim dizer, o *Folhetim* pretende guardar algum tipo de segredo que se converte, não raras vezes, no único meio para se chegar aos livros "recentemente" publicados e, muitas vezes, às indicações de livros, que nem sempre eram publicados, casos de trabalhos encomendados, capítulos de monografias, de dissertações e teses.

Vamos examinar um pedaço desse segredo do *Folhetim* através de uma citação emblemática e surpreendente sobre as primeiras implicações do veículo, dotado de um permanente compromisso sócio-educacional:

Com a entrada do físico Rogério C. Cerqueira para o Conselho Editorial, a "Folha" refortalecerá seus vínculos com os meios universitários. Não se afastando das linhas traçadas em 1978, aprofundam-se todavia algumas questões, seja na área da problemática energética (...), seja na questão do ensino público e gratuito, seja no aperfeiçoamento das instituições jurídico-políticas, seja também na questão da democratização da cultura (...). A aproximação da "Folha" com a Universidade, propiciada por Cerqueira Leite, revitalizou uma tradição já antiga, que vinha de J. Reis a Perseu Abramo.

Na verdade, a "Folha" nunca se afastou substancialmente da problemática escolar, seja nos tempos de Olival ou de Nabantino Ramos. Os contatos com a SBPC, desde o início, nos anos 40, a produção da crítica literária de Antonio Candido e Sérgio Buarque, as feiras de ciências, de J. Reis, bem como suas defesas dos professores cassados pelo golpe de 64, as contundentes colunas de Educação redigidas Perseu Abramo, sugerem que o jornal mantém vínculos quase estruturais com a escola. Vale lembrar, talvez, que a explicação disso residirá num certo tipo de republicanismo laico, em uma visão liberal democrática na qual a escola pública e gratuita assume importância fundamental.

Cerqueira Leite aprofundará a problemática, no Conselho Editorial, para outras frentes de indagação, como a energética, a universitária (com vistas à formação de tecnologia própria no país) e a social. A temática da cidadania, da transição de um modelo fechado de sociedade para um modelo aberto, da "sociedade civil", da pobreza, da legitimidade etc., será tratada em editoriais da página 2 e em números especiais monotemáticos do *Folhetim*, suplemento criado em 1977, por Tarso de Castro e dedicado à leitura de lazer até 1979.

Números especiais do *Folhetim* serão dedicados a temas da atualidade imediata, como a greve de 1980, no ABC, ou sobre a credibilidade da imprensa, no segundo semestre do mesmo ano (nº 200, 16/08/80). A questão da Escola Pública, a questão agrária, a problemática populacional, energética etc., serão objetos de suplementos especiais, nos quais colaboram especialistas de todos os quadrantes teóricos. Curiosamente, como observou

o Editor do *Folhetim*, o jornalista e diretor de teatro Oswaldo Mendes, "o suplemento passou a assumir em várias escolas o antigo papel do livro didático, sobretudo em alguns cursos de 2º grau e no ensino superior" <sup>6</sup>.

Vale salientar que, além da passagem citada, a presença do *Folhetim* nas quinhentas e poucas páginas da *História da Folha de S. Paulo*<sup>7</sup> é apenas discreta. O *Folhetim* aparece citado somente uma vez entre vários artigos que definiriam a política ideológica do Jornal, não merecendo maior destaque dentro do projeto político-cultural.

Entretanto, é especialmente curioso observarmos que uma certa primeira função do *Folhetim* destinava-se a preencher uma lacuna didática. Do mesmo modo, afirmar que houve uma época em que o *Folhetim* era "legível" do ponto de vista didático, os primeiros números e a primeira década de existência parecem oferecer ao leitor um paradoxo, pois, inicialmente, a leitura do suplemento deveria produzir lazer, como foi lembrado por Silviano Santiago. Contudo, uma leitura destinada ao lazer desses leitores parece carregar uma espécie de subversão: ela deveria produzir reflexão, conhecimento e debate em torno dos temas escolhidos por um certo "liberalismo democrático" <sup>8</sup>.

A palavra lazer, de acordo com uma parte da biblioteca marxista, teria surgido no século XVIII, logo depois da Revolução Industrial, com a finalidade de consumir o tempo livre do operário, constituindo-se em mais uma versão do pão e circo. Se assim for, fazia parte de toda uma estratégia de controle coercitivo do final de semana dos trabalhadores: sempre uma alternativa leve, nada que fosse capaz de provocar emoções violentas e tampouco a reflexão. Por trás de todo esse jogo de trocas de significações pode-se observar que o prazer era substituído pelo lazer no horizonte do homem moderno.

Seja como for, em relação à *Folha de S. Paulo*, a palavra prazer parece chocar o espírito da imprensa neste momento. Pelo menos é o que parece ocorrer quando os editores responsáveis se perguntam internamente sobre o papel crucial do *Folhetim*, obtendo como resposta um chavão carregado de preconceito: lazer de fim de semana.

Outro desdobramento dessa suposta função didática e educacional do *Folhetim* nos permitiria pensar que os bárbaros estavam definitivamente se instalando no horizonte da cultura, e se isso já acontecia de maneira clara nos jornais, a hipótese de

---

<sup>6</sup> MOTA, Carlos Guilherme e CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S. Paulo*. SP: IMPRES, p. 247.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Ver a *História da Folha de S. Paulo*.

uma biblioteca precíval, reciclável e móvel parece se desenhar de forma mais cristalina. Até mesmo em virtude do preço desse "novo" material, aliado a uma crença na produção rápida de conhecimento, a possibilidade de uma leitura que incorpore uma parcela de barbárie parece, cada vez mais, menos equivocada. Portanto, talvez por causa disso, mas sem dúvida o menos importante, tenha se instaurado um certo desprezo em relação ao livro, em todos os sentidos, isto vale inclusive para os livros didáticos. Assim, a decadente cultura do livro toma mais um rumo ao lado da ascensão da cultura.

Devemos ressaltar também a existência de uma disputa pelo controle dessa situação: trata-se do mercado das revistas literárias que surgiam e desapareciam com muita rapidez neste período. Por exemplo, um dos motivos levantados pelos editores da revista *José*, no penúltimo número, para explicar o seu desaparecimento futuro, relacionava-se a uma certa concorrência que parecia existir com os suplementos dos grandes jornais, em particular com o *Folhetim*. Se tal concorrência contribuiu, de fato, para o desaparecimento da *José* e de outras revistas literárias, parece que a hipotética função didática do *Folhetim* perde um pouco do seu fôlego.

Por outro lado, apesar de a linguagem do *Folhetim* apresentar-se de maneira padronizada — por encomenda não raro e demasiadamente organizados —, o seu conjunto parece oferecer ao leitor, e isso é notável, uma possibilidade rara, se não nova, de alargamento do horizonte das informações e do conhecimento. Até certo ponto poderíamos dizer que a linguagem homogênea encontrada no *Folhetim* cumpria uma função inversa e fora de qualquer controle para vários de seus leitores. Admitindo como possível o fato de o *Folhetim* ter sido mesmo, por vários anos, uma espécie de "manual" de sala de aula, tanto no segundo grau como na universidade, seria possível reconhecer uma parcela de subversão, invertendo a proposta embutida inicialmente de fornecer apenas lazer aos leitores.

Desse modo, podemos dizer que havia uma proposta iluminista por trás do projeto editorial inicial do suplemento. Ao que parece, diante de um exame rápido, o conteúdo existente na proposta de um folhetim destinado ao lazer de fim de semana é passível de desconfiança, e um olhar desconfiado desta versão da história deve ser levado em consideração. Mesmo porque não podemos esquecer que o *Folhetim* centralizava fogo em alguns números monográficos, na busca do esclarecimento das questões sociais relevantes de seu tempo (reforma agrária, por exemplo), informando e assim preparando seus leitores para um amplo debate, que acontecia apenas e raramente dentro das universidades. Contudo, a busca em formar semelhantes leitores se

converteria numa procura redundante e desnecessária, na medida em que o Jornal como um todo se dirigia, de acordo com uma retórica que buscava driblar a censura, a uma ínfima parcela da população brasileira que já possuía opinião: "Quem lê jornais no Brasil é uma pequena elite que beira os 5 por cento da população, e as elites normalmente têm opinião formada. Logo, não há risco nenhum na outorga de liberdade aos jornais" <sup>9</sup>.

Sendo assim, o Jornal acabava por promover um debate social restrito e, até certo ponto, desnecessário.

Por outro lado, toda essa lógica pode não corresponder literalmente ao que poderia estar acontecendo. Isso pela possibilidade de este fragmento ser lido de maneira irônica, invertendo e subvertendo a lógica da censura. Para salvaguardar a possibilidade e a existência de um projeto iluminista embutido no *Folhetim*, podemos dizer que, no caso acima descrito, estaríamos diante — não chegando a ser um texto artístico, mas, é quase certo tratar-se — de um texto mentiroso.

Muito mais que examinar quais foram as propostas perseguidas e as naufragadas do *Folhetim*, o futuro deste trabalho reserva a possibilidade, talvez mais interessante, de analisar o que todo esse aparato de discussões editoriais efetivamente geraram nos textos publicados, quem foram os seus colaboradores mais freqüentes durante épocas distintas, quais os autores mais citados que acabam por fornecer um perfil do material publicado e, finalmente, quais vertentes teóricas permearam e se cristalizaram, construindo as narrativas que circularam por esse espaço destinado, em princípio, ao literário. Portanto, um estudo visando revelar aquilo que foi feito, e não apenas o que foi dito que seria feito.

---

<sup>9</sup> Ruy Lopes. Editorial da *Folha de S. Paulo* de 9 de abril de 1980. In: *História* da Folha de S. Paulo.